

□ Tempo de leitura: 9 min.

(continuação do artigo anterior)

Capítulo VII. Maria favorece aqueles que trabalham pela fé, enquanto Deus pune aqueles que ultrajam a Santíssima Virgem.

Houve uma época em que os imperadores de Constantinopla realizaram uma violenta perseguição contra os católicos por venerarem imagens sagradas. Entre eles estava Leão Isáurico. A fim de abolir o culto, ele matava e prendia qualquer pessoa que fosse denunciada por venerar imagens ou relíquias de santos e especialmente da Santíssima Virgem. Para enganar o povo simples, convocou alguns bispos e abades e, à força de dinheiro e promessas, induziu-os a estabelecer que as imagens de Jesus crucificado, da Virgem e dos santos não deveriam ser veneradas.

Naquela época, porém, vivia o erudito e famoso São João Damasceno. Para combater os hereges e também para dar um antiveneno nas mãos dos católicos, João escreveu três livros nos quais defendia o culto às imagens sagradas. Os iconoclastas (como eram chamados esses hereges por desprezarem as imagens sagradas) ficaram muito ofendidos com esses escritos e o acusaram de traição ao príncipe. Disseram que ele havia enviado cartas assinadas por seu próprio punho para romper a aliança que tinha com príncipes estrangeiros e que, com seus escritos, ele perturbava a tranquilidade pública. O imperador crédulo começou a suspeitar do santo e, embora ele fosse inocente, condenou-o a cortar sua mão direita.

Mas essa traição teve um desfecho muito mais feliz do que ele esperava, pois Nossa Senhora queria recompensar seu servo por seu zelo por ela.

Ao anoitecer, São João prostrou-se diante da imagem da Mãe de Deus e, suspirando, rezou durante toda a noite e disse: Ó Virgem Santíssima, por causa do meu zelo por vós e pelas imagens sagradas, minha mão direita foi cortada. Vinde, portanto, em meu socorro e fazei que possa continuar a escrever vossos louvores e os de vosso Filho Jesus. Assim dizendo, ele adormeceu.

Em um sonho, ele viu a imagem da mãe de Deus olhando para ele com alegria e lhe dizia: “Eis que tua mão está curada. Portanto, levanta-te e escreve minhas glórias. Quando acordou, ele realmente encontrou sua mão curada presa ao braço.

Quando a notícia de tão grande milagre se espalhou, todos louvavam e

glorificavam a Virgem Santíssima, que recompensa tão largamente os seus devotos que sofrem pela fé. Mas alguns dos inimigos de Cristo queriam afirmar que a mão não lhe havia sido cortada, mas a um de seus servos, e diziam: Não vedes que João está em sua casa cantando e se divertindo como se estivesse celebrando uma festa de casamento? Então João foi preso novamente e levado ao príncipe. Mas eis que surge um novo prodígio. Mostrando sua mão direita, podia-se ver uma linha brilhante nela, o que provou que a amputação tinha ocorrido.

Espantado com esse prodígio, o príncipe lhe perguntou que médico o havia curado e que remédio havia usado. Ele então narrou em voz alta o milagre. Disse ele: “É o meu Deus, o médico todo-poderoso que restaurou minha saúde”. O príncipe então demonstrou arrependimento pelo mal que havia feito e quis elevá-lo a grandes dignidades. Mas Damasceno, avesso a grandezas humanas, amava mais a vida privada e, enquanto viveu, empregou seu gênio em escrever e publicar sobre o poder da augusta Mãe do Salvador (veja João Patriarca de Jer. Barônio no ano 727).

Se Deus muitas vezes concede graças extraordinárias àqueles que promovem as glórias de sua augusta Mãe, não raro castiga terrivelmente, mesmo na vida presente, aqueles que a desprezam ou a suas imagens.

Constantino Coprônimo, filho de Leão Isaurico, subiu ao trono de seu pai na época do Sumo Pontífice São Zacarias (741-752). Seguindo as impiedades de seu pai, proibiu invocar os santos, honrar as relíquias e implorar sua intercessão. Profanava as igrejas, destruía os mosteiros, perseguiu e prendia os monges e invocava, com sacrifícios noturnos, a ajuda dos próprios demônios. Mas seu ódio era especialmente dirigido contra a Santa Virgem. Para confirmar o que dizia, ele costumava levar na mão uma bolsa cheia de moedas de ouro e a mostrava às pessoas ao seu redor, dizendo: Quanto vale essa bolsa? Muito, diziam eles. Retirando depois o ouro, ele perguntava novamente quanto valia a bolsa. Quando eles respondiam que não valia nada, assim rapidamente retrucava aquele ímpio, assim é com a Mãe de Deus; naquela época, quando ela tinha Cristo em si, ela devia ser muito honrada; mas a partir do momento em que ela o deu à luz, em nada mais difere das outras mulheres.

Essas enormes blasfêmias certamente mereciam uma punição exemplar que Deus não demorou a enviar ao ímpio blasfemador.

Constantino Coprônimo foi punido com enfermidades vergonhosas, com úlceras que se transformaram em pústulas ardentes, o que o fazia soltar altos gritos, enquanto uma febre ardente o devorava. Assim, ofegante e gritando como se estivesse sendo queimado vivo, ele deu seu último suspiro.

O filho seguiu os passos do pai. Ele gostava muito de pedras preciosas e

diamantes e, ao ver as muitas coroas bonitas que o imperador Maurício havia dedicado à Mãe de Deus para adornar a igreja de Santa Sofia em Constantinopla, ele as pegou e colocou em sua cabeça, levando-as para seu próprio palácio. Mas, no mesmo instante, sua testa foi coberta por carbúnculos pestilentos, que naquele mesmo dia levaram à morte aquele que ousou levantar sua mão sacrílega contra o ornamento da cabeça virginal de Maria (veja Teófanes e Nicéforo, contemporâneos. Barônio ano 767).

Capítulo VIII. Maria protetora dos exércitos que lutam pela fé.

Vamos agora mencionar brevemente alguns fatos relativos à proteção especial que a santa Virgem tem dado constantemente aos exércitos que lutam pela fé.

O imperador Justiniano recuperou a Itália, que havia sido dominada pelos godos por sessenta anos. Narses, seu general, era avisado por Maria quando deveria entrar em campo e nunca pegava em armas sem os sinais dela. (*Procópio, Evágrio, Nicéforo e Paulo, o Diácono, Barônio, no ano 553*).

O imperador Heráclio obteve uma gloriosa vitória contra os persas e se apoderou de seus ricos despojos, atribuindo o próspero resultado de suas armas à Mãe de Deus, a quem ele se havia encomendado. (*Ist. Grego, art. 626*).

O mesmo imperador triunfou novamente sobre os persas no ano seguinte. Uma saraivada terrível lançada no acampamento dos inimigos os desorganizou e os pôs em fuga. (*Ist. Grega.*).

A cidade de Constantinopla foi mais uma vez libertada dos persas da maneira mais prodigiosa. Enquanto durava o cerco, os bárbaros viram uma nobre matrona escoltada por um séquito de eunucos saindo do portão da cidade ao amanhecer. Acreditando que ela fosse a esposa do imperador a caminho do marido para pedir paz, eles a deixaram passar livremente. Quando a viram indo até o imperador, seguiram-na até um lugar chamado Pedra Velha, onde ela desapareceu de suas vistas. Então, surgiu um tumulto entre eles, que lutaram entre si, e a matança foi tão terrível que o general foi forçado a levantar o cerco. Acredita-se que essa matrona era a Santíssima Virgem. (Barônio).

A imagem de Maria levada em procissão ao redor das muralhas de Constantinopla libertou essa cidade dos mouros que a haviam sitiado por três anos. O líder inimigo, vendo que era impossível vencer, implorou que lhe fosse permitido entrar e ver a cidade, prometendo não usar qualquer violência. Enquanto seus soldados entravam sem dificuldade, logo que seu cavalo chegou à porta chamada

Bósforo, não foi possível fazê-lo avançar. Então o bárbaro olhou para cima e viu no portão a imagem da Virgem contra quem ele havia blasfemado pouco antes. Ele então voltou atrás e tomou o caminho em direção ao Mar Egeu, onde naufragou. (Barônio, ano 718).

No mesmo ano, os sarracenos pegaram em armas contra Pelágio, príncipe das Astúrias. Esse piedoso general recorreu a Maria, e os dardos e flechas lançados contra ele se voltavam contra os inimigos da fé. Vinte mil sarracenos foram dizimados e sessenta mil pereceram submersos nas águas. Pelágio, com seus poucos companheiros, tinha-se refugiado numa caverna. Agradecido a Maria pela vitória que havia conquistado, mandou construir um templo para a Virgem Maria naquela caverna. (Barônio).

André, general do imperador Basílio de Constantinopla, derrotou os sarracenos no ano de 867. Nesse conflito, o inimigo havia insultado Maria, escrevendo a André: “Verei agora se o filho de Maria e sua mãe poderão salvar você de minhas armas”. O piedoso general pegou o escrito insolente e o pendurou na imagem de Maria, dizendo: “Vê, ó Mãe de Deus,vê, ó Jesus, que insolências esse bárbaro arrogante pronuncia contra o teu povo.” Tendo feito isso, ele sobe em sua sela e, retomada a batalha, começa um massacre sangrento de todos os seus inimigos. (Curopalate ano 867).

No ano de 1185, o Sumo Pontífice Urbano II colocou as armas dos cruzados sob os auspícios de Maria, e Godofredo de Bulhões, à frente do exército católico, libertou os lugares santos do domínio dos infiéis.

Afonso VIII, rei de Castela, obteve uma vitória gloriosa sobre os mouros, levando a imagem de Maria em seus estandartes para o campo de batalha. Duzentos mil mouros caíram no campo de batalha. Para perpetuar a memória desse evento, a Espanha celebrou todos os anos, em 16 de julho, a festa da Santa Cruz. O estandarte no qual estava impressa a imagem de Maria, que havia triunfado sobre os inimigos, ainda está preservado na igreja de Toledo. (Ant. de Balimghera).

Afonso IX, rei da Espanha, também derrotou duzentos mil sarracenos com a ajuda de Maria. (Idem dia 21 de junho).

Jaime I, rei de Aragão, arrancou dos mouros três reinos muito nobres e derrotou dez mil deles. Em gratidão por essa vitória, ele ergueu vários templos a Maria. (Idem dia 21 de julho).

Os Carnotenses, sitiados em sua cidade por um bando de corsários, exibiram em um poste, como estandarte, uma parte do manto de Maria que Carlos Calvo havia trazido de Constantinopla. Os bárbaros, depois de lançarem seus dardos contra essa relíquia, ficaram subitamente cegos e não puderam mais escapar. Os devotos carnotenses pegaram em armas e os massacraram.

Carlos VII, rei da França, que estava encurrulado pelos ingleses, recorreu a Maria, e não só conseguiu derrotá-los em várias batalhas, como também libertou uma cidade do cerco e colocou muitas outras sob seu domínio. (No mesmo dia 22 de julho).

Filipe, o Belo, Rei da França, surpreendido por seus inimigos e abandonado por seus próprios soldados, recorreu a Maria e se viu cercado por um exército prodigioso de guerreiros prontos para lutar em sua defesa. Em pouco tempo, trinta e seis mil inimigos foram mortos, e os outros se renderam como prisioneiros ou fugiram. Grato a Maria por esse triunfo, ele ergueu um templo para ela e ali pendurou todas as armas que havia usado naquele conflito. (Idem 17 de agosto).

Filipe Valesio, rei da França, derrotou vinte mil inimigos com um punhado de homens. Retornando triunfante naquele mesmo dia a Paris, ele foi direto para a catedral dedicada à Virgem Maria. Lá, ofereceu seu cavalo e suas armas reais à sua generosa Auxiliadora. (Idem 23 de agosto).

João Zemisca, imperador dos gregos, derrotou os búlgaros, russos, citas e outros bárbaros, que juntos somavam trezentos e trinta mil e ameaçavam o império de Constantinopla. A Santíssima Virgem enviou para lá o mártir São Teodoro, que apareceu em um cavalo branco e rompeu as fileiras inimigas; em seguida, Zemisca construiu um templo em homenagem a São Teodoro e fez com que a imagem de Maria fosse levada em triunfo. (Europalate).

João Comênia, auxiliado pela proteção de Maria, derrotou uma horda de citas e, em memória do evento, ordenou um banquete público no qual a imagem da Mãe de Deus foi levada triunfalmente em uma carroça coberta de prata e pedras preciosas. Quatro cavalos muito brancos conduzidos pelos príncipes e parentes do imperador puxavam a carroça; o imperador caminhava a pé carregando a cruz. (Niceta em seus *Anais*).

Os cidadãos de Ipri, sitiados pelos ingleses e reduzidos a extremos, recorreram com lágrimas à ajuda da Mãe de Deus, e Maria apareceu visivelmente para consolá-los e pôr os inimigos em fuga. O evento ocorreu em 1383 e o povo de Chipre celebra a memória de sua libertação todos os anos com um festival religioso no primeiro domingo de agosto. (Maffeo lib. 18, *Cronaca Univers.*).

Simão, Conde de Monforte, com oitocentos cavaleiros e mil soldados de infantaria, derrotou cem mil albigenses perto de Toulouse. (Anais de Bzovio, ano 1213).

Vladislau, rei da Polônia, colocou suas armas sob a proteção da Virgem Maria, derrotou cinquenta mil teutões e levou seus despojos como troféu para o túmulo do mártir Santo Estanislau. Martin Cromerus, em sua história da Polônia, diz que esse santo mártir foi visto, enquanto durou a batalha, vestido com vestes

pontifícias, animando os poloneses e ameaçando seus inimigos. Acredita-se que esse santo bispo tenha sido enviado pela Virgem para ajudar os poloneses, que haviam se recomendado a Maria antes da batalha.

No ano de 1546, os portugueses sitiados por Mamudio, rei das Índias, invocaram a ajuda de Maria. O inimigo contava com mais de sessenta mil homens profissionais na guerra. O cerco já durava sete meses e já estava prestes a se render, quando uma súbita consternação invadiu os inimigos. Uma nobre matrona, cercada de esplendor celestial, apareceu sobre uma pequena igreja da cidade e iluminou os indianos de tal forma que eles não puderam mais distinguir uns dos outros e fugiram apressadamente. (João Pedro Maffeo. História das Índias, 3 v.).

No ano de 1480, enquanto os turcos lutavam contra a cidade de Rodes, já tinham conseguido colocar seus estandartes nas muralhas, quando a Virgem Santíssima apareceu armada com um escudo e uma lança, com o precursor São João Batista e uma hoste de guerreiros celestiais armados. Então os inimigos se desorganizaram e se mataram uns aos outros. (Tiago Bosso, *História dos Cavaleiros de Rodes*).

Maximiliano, duque da Baviera, dominou uma horda de rebeldes heréticos austríacos e boêmios. No estandarte de seu exército, ele inscreveu a efígie da Virgem Maria com as palavras: *Da mihi virtutem contro hostes tuos*. Dê-me força contra seus inimigos. (Jeremias Danelius. *Trimegisti cristiani lib. 2 cap. 4, § 4*).

Arthur, rei da Inglaterra, ao usar a imagem de Maria em seu escudo, tornou-se invulnerável na batalha; e o príncipe Eugênio e nosso duque Vítor Amadeu, que a usavam no escudo e no peito, com um punhado de homens valentes, derrotaram o exército francês de 80.000 homens junto a Turim. A majestosa Basílica de Superga foi erguida pelo referido duque e depois rei Vítor Amadeu como sinal de gratidão por essa vitória.

[*\(continua\)*](#)